

## **Preços administrados pelo governo tendem a elevar IPCA**

*Fernanda Bompan*

O governo tem parcela expressiva de culpa na alta da inflação, com seus preços administrados. E a tendência é que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) continue a ser pressionado pelos serviços e produtos com preços sob controle ou vigilância do governo.

De acordo com o economista e professor de pós-graduação da Trevisan Escola de Negócios, Ricardo Cintra, alimentação era apontada como a grande influência sobre a alta da inflação, agora o governo reconheceu a grande pressão dos preços administrados. "[Na sexta-feira] o IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] apontou essa percepção", lembra o especialista.

O IBGE divulgou que, ao considerar o IPCA acumulado no ano até abril, de 3,23%, foi registrado que, enquanto os produtos alimentícios somam variação de 2,74%, os não alimentícios sobem 3,38%. "Isso significa que este ano os alimentos têm contribuído com menos expressão do que os produtos não alimentícios para o IPCA. Nessa categoria de produtos não alimentícios, pressionaram os reajustes monitorados e controlados, como ônibus urbano, energia elétrica, taxa de esgoto e, em abril, com força, a gasolina", avaliou a coordenadora de índices de preços do IBGE, Eulina Nunes dos Santos.

Cálculos da Rosenberg & Associados mostram que os preços administrados aceleraram no IPCA fechado de abril, para alta de 1,29%. No IPCA de março, esse segmento mostrou alta de 1,05% e, no IPCA-15 de abril, de 0,86%.

Para Ricardo Cintra, o resultado de abril do IPCA mostra que o governo terá muito trabalho a ser feito porque os preços administrados, principalmente, devem continuar a pressionar a inflação. "Na pesquisa Focus a ser divulgada hoje, os analistas consultados pelo Banco Central (BC) devem elevar suas previsões ainda mais para a inflação final deste ano", projeta. No relatório divulgado na semana passada, a expectativa para o IPCA estava em 6,37%.

Já a professora da ESPM Cristina Helena Pinto de Mello entende que os preços administrados afetaram a inflação no mês passado porque houve o vencimento de alguns contratos de ajustes de preços, principalmente em energia elétrica, e que coincidiu com transportes, cujo reajuste foi expressivo. Ela acredita, desta forma, que os preços administrados devem desacelerar nos próximos meses. "Contudo, a parcela de culpa do governo na alta da inflação está na definição dos contratos de reajuste indexados à inflação anterior", destaca ela.

O professor da Trevisan entende, por sua vez, que em maio pode ser que a inflação ultrapasse o teto, de 6,5% da meta. "O BC já sinalizou a possibilidade de algum momento o IPCA ultrapassar o teto da meta", comenta ele, que diz acreditar que a inflação possa fechar acima da meta. O IBGE informou na sexta-feira passada que no acumulado em 12 meses até abril, o IPCA fechou em 6,51%, ligeiramente acima do teto.

Cintra afirma que, no caso dos preços administrados, o governo federal deve conversar com os governos regionais (estados e municípios) para que eles "reanalise" a possibilidade de aumentar os preços. "É importante, contudo, frisar que a população também tem de fazer sua parte e não deixar só nas mãos de ações do governo para conter a inflação."

Na última quinta-feira, o presidente do BC, Alexandre Tombini, aconselhou à população para aproveitar o momento de alta dos juros e poupar. "Temos de criar incentivos para esses ciclos de aperto monetário, como o que vivemos agora, para estimular os correntistas a poupar em vez de gastar", afirmou Tombini.

O professor da Trevisan afirma que se a pessoa tiver que consumir, que, pelo menos, pesquise mais os preços, até mesmo com relação aos importados.

A professora da ESPM entende que para controlar a pressão inflacionária seria necessário continuar a elevar a taxa de juros (Selic), "talvez não no montante desejado".

"Ao contrário, a inflação fechará acima do teto da meta, o que influenciará os preços administrados de 2012 também."

### IPCA de abril

O IPCA de abril teve variação de 0,77%, muito próxima da taxa de março (0,79%). Em abril de 2010 a taxa havia ficado em 0,57%, informou o IBGE. O grupo Transporte, com variação de 1,57%, muito próxima à de 1,56% do mês anterior, continuou sendo o grupo de maior alta. Vestuário ficou com a segunda maior variação entre os grupos: 1,42% em abril, após 0,56% em março. A seguir veio o grupo Saúde e Cuidados Pessoais, que passou de 0,45% em março para 0,98% em abril.

Já no grupo Habitação passou de 0,46% em março para 0,77% em abril.



Fonte: DCI, São Paulo, 7, 8 e 9 maio 2011, Primeiro Caderno, p. A3.